



PESQUISA

RACISM AND PREJUDICE: STATEMENTS BY AFRO-DESCENDANT NURSES EDUCATED AT THE UNIVERSITY OF SAO PAULO SCHOOL OF NURSING

RACISMO E PRECONCEITO: DEPOIMENTOS DE ENFERMEIROS AFRO-DESCENDENTES EGRESSOS DA ESCOLA DE ENFERMAGEM DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

RACISMO Y PREJUICIOS: TESTIMONIOS DE ENFERMEROS AFRO-DESCENDIENTES GRADUADOS EN LA ESCUELA DE ENFERMERÍA DE LA UNIVERSIDAD DE SAO PAULO

Emiliane Silva Santiago¹, Taka Oguisso², Paulo Fernando de Souza Campos³

ABSTRACT

Objective: To interview Afro-descendant nurses, educated at the University of Sao Paulo School of Nursing (EEUSP). It takes on themes related to racism and prejudice. **Method:** It is an exploratory and descriptive study founded on propositions of thematic oral history, developed through recorded interviews following a semi-structured script and open questions. **Results:** The collected data has permitted the recapture of short stories in which was possible to observe not only legacies of a segregationist socio-cultural mentality but also significant inter-ethnic experiences for the construction of a professional identity, as they create unique stories which reflect stereotypes. **Conclusion:** Recognizing racist practices in the field of nursing may facilitate reflections on necessary competencies for nurses, possibly transforming the profession, becoming more humanistic in relation to care and the caretaker. **Descriptors:** Nursing history, Nursing schools, Nursing students.

RESUMO

Objetivo: Entrevistar enfermeiros afro-descendentes egressos da Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo - EEUSP abordando temas de racismo e preconceito. **Método:** Estudo descritivo exploratório fundado nas proposições da história oral temática, realizada por intermédio de entrevistas gravadas, com roteiro semi-estruturado e questões abertas. **Resultados:** Os dados coletados permitiram resgatar pequenas histórias, nas quais se observa não apenas legados de uma mentalidade sócio-cultural segregacionista, mas também vivências inter-étnicas significativas para a construção da identidade profissional, pois fabricam histórias únicas que reiteram estereótipos. **Conclusão:** O reconhecimento de práticas racistas no âmbito da Enfermagem pode facilitar a reflexão em torno de competências necessárias ao enfermeiro que podem transformar a profissão, tornando-a mais humanista em relação ao cuidado e ao cuidador. **Descritores:** História da enfermagem, Escolas de enfermagem, Estudantes de enfermagem.

RESUMEN

Objetivo: Entrevistar a enfermeros afro-descendientes egresados de la Escuela de Enfermería de la Universidad de São Paulo, EEUSP, abordando temas de racismo y prejuicio. **Metodo:** Estudio descriptivo exploratorio fundado en las proposiciones de la historia oral temática, realizada por medio de entrevistas grabadas, con un plan semi-estructurado y cuestiones abiertas. **Resultados:** Los datos recogidos permitieron rescatar pequeñas historias, en las cuales se observan no solamente legados de una mentalidad socio-cultural segregacionista, sino también experiencias interétnicas significativas para la construcción de la identidad profesional, pues fabrican historias únicas que reiteran estereotipos. **Conclusión:** El reconocimiento de prácticas racistas en el ámbito de la enfermería puede facilitar la reflexión en torno de las competencias necesarias al enfermero que pueden transformar la profesión, tornándola más humanista en relación al cuidado y al cuidador. **Descritores:** Historia de la enfermería, Escuelas de enfermería, Estudiantes de enfermería.

¹Enfermeira. Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Enfermagem/ EEUSP. Bolsista CAPES. Pesquisadora do Grupo de Pesquisa História e Legislação da Enfermagem - ENO/EEUSP/CNPq. E-mail: emilianasant@usp.br. ² Enfermeira e Advogada. Doutora em Saúde Pública e Enfermagem. Professora Titular do Departamento de Orientação Profissional da Escola de Enfermagem/- EEUSP. Líder do Grupo de Pesquisa História e Legislação da Enfermagem - ENO/EEUSP/CNPq. E-mail: takaoguisso@usp.br. ³ Historiador. Doutor em História. Pesquisador Associado do Núcleo Negro da UNESP para Pesquisa e Extensão - NUPE/PROEX. Pesquisador do Grupo de Pesquisa História e Legislação da Enfermagem - ENO/EEUSP/CNPq. E-mail pfsouzacampos@usp.br.

INTRODUÇÃO

...lembrar não é reviver, mas re-fazer.

(Marilena Chauí)

Este artigo é resultado da investigação sobre a percepção de egressos afro-descendentes acerca de dois eixos temáticos específicos e congruentes: racismo e preconceito. A proposta original visava entrevistar ex-alunos da Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo para levantar possíveis situações racistas e preconceituosas vivenciadas durante formação e exercício profissional. No âmbito da enfermagem, os resultados deste processo foram avaliados como contraproducentes, pois interrompem a formação de competências fundamentais ao exercício profissional como trabalho em equipe, tomada de decisões, comunicação (verbal/não verbal), administração, liderança, entre outros.

A justificativa para a realização da investigação ora apresentada encontrou suporte no que há de essencial no trabalho do enfermeiro, o cuidado. Sentimentos racistas e preconceituosos são geradores de práticas excludentes e discriminatórias, cujo efeito social interfere na assistência de enfermagem, pois favorece a imposição de juízos de valor em detrimento de juízos de fato, ferindo princípios de equidade e direitos humanos, desfavoráveis para o desenvolvimento de modelos assistenciais existentes, preconizados por políticas públicas de saúde como Sistema Único de Saúde - SUS e Programa Nacional de Humanização - PNH.

Para Silva¹, preconceito, palavra derivada do latim *praeconceptu* indica conceito, opinião ou julgamento que se forma *a priori*, sem conhecimento ou ponderação dos fatos. Racismo é a Recusa em reconhecer os direitos de outra pessoa ou grupo social de características culturais ou étnicas diferentes, em nome de uma pretensa

e inerente superioridade. Atitude de preconceito, discriminação ou até mesmo hostilidade em relação a certos segmentos sociais ou geográficos diferentes².

Os resultados gerados dessas matrizes de pensamento criam estereótipos e dão origem a expectativas, hábitos e juízos de valor unilaterais, que conduzem a falsas generalizações, porém, invariavelmente assumidas como verdadeiras e ideais, pois construídas e disseminadas por grupos hegemônicos, com uso de poder político. A reprodução de pensamentos preconceituosos e racistas fortalece o pensar estereotipado, ao mesmo tempo, fabrica tensões permanentes. Contudo, vale dizer, racismo e preconceito não podem ser atribuídos somente a ações de um grupo social determinado, mas a operações de pensamento, que constroem práticas e representações sociais legitimadoras do que necessariamente não é.

No início do século XX, elites intelectuais brasileiras, influenciadas por teorias sócio-darwinistas, adotaram políticas excludentes em relação à população afro-descendente. Um dos intuitos era minimizar riscos da mestiçagem e branquear o Brasil, redefinindo sua visibilidade eminentemente negra. Importadas do velho mundo, tais teorias localizavam no ser negro tanto a degenerescência da raça, quanto a criminalidade nata, pois a lógica eugênica e biotipológica que fundou a medicina-legal forçava aos negros uma vida marginal, distanciada das ordens médicas e normas jurídicas consideradas ideais, elegíveis⁽³⁾.

A história permite afirmar que as poucas chances de inserção social, conquistas pessoais ou trabalho formal conduziam homens e mulheres negros ao empobrecimento, pois substituídos pelo trabalhador europeu. Do mesmo modo, permite considerar serem as mulheres

negras as primeiras cuidadoras do Brasil, na medida em que atuavam como parteiras, amas-de-leite, babás, mães pretas, trabalhadoras destacadas na sociedade brasileira colonial e imperial pela arte do cuidado, como permite afirmar os estudos de cultura dos cuidados⁴.

De acordo com pesquisas recorrentes, no início do século XX, no Brasil, o padrão sugerido e adotado para a formação profissional em Enfermagem excluía a possibilidade de mulheres negras ingressarem em escolas de enfermagem^{5,6}. O estudo realizado por Moreira⁷ é revelador neste sentido. A documentação utilizada pela autora esclarece a problemática ao afirmar que a política de organização da Escola Anna Nery evitava “diplomática e estrategicamente, a admissão de negros, até que a opinião pública em relação à profissão de enfermagem tivesse mudado. Isto era fundamental se pretendia atrair mulheres de melhor classe...”. Assim, a historiografia produzida permite afirmar a existência de racismo (evitar a admissão de negros) e preconceito (mulheres de melhor classe) nas origens da enfermagem moderna brasileira, justificando a abordagem ora proposta⁸.

Os objetivos: Apresentar fragmentos de entrevistas realizadas com enfermeiros, afro-descendentes, formados pela Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo, residentes no município de São Paulo, que evidenciem experiências vividas durante o curso de Graduação e o exercício profissional em torno dos temas norteadores da pesquisa, quais sejam, racismo e preconceito.

METODOLOGIA

Para a realização da pesquisa foram utilizados recursos da história oral temática. As categorias de análise, que nortearam a construção

do roteiro semi-estruturado, gravitavam em torno da percepção do preconceito e racismo na escolha da profissão, bem como se percebidos no exercício profissional. As entrevistas foram realizadas com o auxílio de gravador e transcritas na íntegra. O projeto de pesquisa, aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da EEUSP, implicou consultar a documentação de graduados pela EEUSP, bem como a publicação de resultados conforme estabelecido no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, entregue e autorizado unanimemente por enfermeiros identificados como colaboradores.

A história oral temática tem caráter documental e busca a variante considerada legítima de quem presenciou um acontecimento, além de promover o debate e dispor a discussão em torno de um assunto central definido, no caso, racismo e preconceito⁹. Souza Campos refere que os estudos fundados na metodologia proposta têm alcançado prestígio na pesquisa científica, indicando ser a oralidade uma fonte inesgotável, pois permite recuperar, entre outros aspectos, representações sociais construídas no processo histórico, portanto, adequada ao desenvolvimento do estudo ora apresentado¹⁰.

RESULTADOS E DISCUSSÃO DOS DADOS

Durante sessenta e cinco anos de fundação, a EEUSP formou 2.888 enfermeiros. Deste total, 128 se identificaram como não brancos, mas como negra/negro, parda, morena/moreno, mulata e preta. O grupo de alunos Graduados no Curso de Enfermagem da USP resultou em uma listagem enviada para o COREN-SP como mecanismo capaz de localizar os egressos através de registros existentes junto ao órgão fiscalizador, periodicamente atualizados. Quarenta e cinco (45) profissionais afro-descendentes egressos da EEUSP foram localizados e identificados como possíveis

colaboradores. Deste contingente, 15 enfermeiros foram contatados, dos quais 2 não aceitaram participar do estudo, um por se declarar não negro e outro por alegar não ter disponibilidade para a realização da entrevista.

Os colaboradores relataram não terem sentido preconceito racial em relação à escolha profissional. Em geral, quando perguntados sobre a ocorrência de preconceito ou racismo durante a Graduação na EEUSP, as respostas obtidas permitem considerar que a ocorrência de tais experiências foi provocada tanto por colegas, quanto por docentes. A questão racial emerge das falas vinculadas à realidade socioeconômica dos egressos entrevistados, aliadas ao desempenho acadêmico e vinculadas à inadequação para o exercício da profissão.

O preconceito e o racismo são identificados e evocados nas falas dos depoentes pela recusa da aproximação e estabelecimento de laços sociais mais profundos ou na forma de brincadeiras, apelidos ou pela exclusão profissional, percebida em momentos de recusa e afastamento durante elaboração de trabalhos acadêmicos, como atividade em equipe e orientação de pesquisas. Quanto à existência de dificuldade no mercado de trabalho, no momento da conquista de uma vaga em instituições hospitalares, a questão étnica foi considerada como empecilho para a contratação, sobretudo, em hospitais fundados por colônias de imigrantes ou hospitais particulares, pois prescindem de concursos públicos, desprezando muitas vezes o saber e a experiência em detrimento da estética superficial e estereotipada da enfermeira como mulher, jovem ou sedutora.

A percepção social do negro como exótico e diferente - termos utilizados por colaboradores entrevistados - ao enunciar os tratamentos a eles dispensados confirma a permanência de uma mentalidade desfavorável e contraproducente do

ponto de vista social, pois enfraquece redes de sociabilidades e trabalho, na medida em que estanca a formação de novos comportamentos profissionais, necessários à efetividade de modelos assistenciais preconizados por políticas públicas de saúde, como é possível observar nos fragmentos das entrevistas, que passamos a apresentar:

Assim, coisas que a gente que é negro, vive com isso desde criança, a gente conhece esse preconceito, desde criança e muita gente fala, as pessoas não reconhecem, falam que isso é coisa da sua cabeça....Imagina, mas não é sabe? Porque assim é como eu te falei não é apenas pela nossa cor... só quem vive mesmo isso desde pequeno, desde suas primeiras lembranças da infância, é que sabe entender o que é esse preconceito, como é que ele é, e que ele existe o tempo todo numa conversa com seus colegas, com seus amigos, com os docentes na escola, com os funcionários... (Col 1)

Então, no campo de trabalho eu enfrento muito mais questão de preconceito, que é típico da população que a gente trabalha, tanta insatisfação, enquanto o problema do preconceito racial no Brasil é uma raiz, é uma coisa social, enraizada na sociedade brasileira, ela se reflete em toda a sua esfera, então quando uma pessoa é discriminada, ela não é só porque ela é de cor, pobre, embora ela tenha uma outra conotação...Quando um sujeito tem uma outra condição social, melhor, ele não é muito discriminado como negro, ele é chamado até de moreno... Basta ver o Pelé, dizem que o Pelé é moreno.. É engraçado...entendeu? Mas, assim, a própria população, as vezes fica brava e acaba xingando a gente e chamando de negro..é uma coisa..... (Col 2)

Pergunto eu pra vocês: Que sociedade é esta que estamos vivendo, onde você que faz uma boa faculdade tenta devolver tudo que aprendeu de volta pra sociedade, só que você é discriminado por pensar assim? Na minha opinião, só existe uma forma de melhorar isso tudo, é mudar a sociedade gradativamente, mostrando pra todos que cada um têm o seu valor independente da pigmentação da pele. (Col 7)

(...) relacionado à etnia aí eu não senti nenhum preconceito não, até porque tanto na sala de aula eu sempre fui representativo assim, (...) por representar

a sala... nunca senti nenhum preconceito relacionado à etnia. Quanto à profissão, é

o preconceito é... foi pouco mas dentro da faculdade mesmo é... a gente pode falar assim que uma boa parte dos professores pensa que a enfermagem é uma profissão exclusivamente feminina(...)(Col 3)

Quando você enxerga a cor de quem está indo mal, (...) Indo mal com nota, com o desempenho acadêmico (...). Às vezes você percebe que alguns professores não dão mais atenção, sabe? (...) você tem uma condição socioeconômica que é... desfavorecida... Você já não se veste tão bem... então você vê o tratamento que é diferenciado assim... (Col 1)

O preconceito vem de todas as partes da comunidade EEUSP, se você tem a pele escura já começam a te chamar de pretinha, se você tem carro ou não tem, a forma de se vestir, as amizades que se fazem, o preconceito está em todas as partes, vai do olhar de cada um. (Col 7)

E a pessoa chega e conversa com a professora, assim você vê a diferença de uma pessoa que conversa com a professora e você, que chega, às vezes, com a roupa toda amarrotada (...) eu já vim até com a roupa um pouco suja, e acontecer de ver um colega negro que morava longe, que conseguiu moradia, maior luta sabe... e que não tinha dinheiro nem para comprar sabão para lavar a própria roupa e que tava na maior luta.. e a professora nem deu atenção pra ele e ficou olhando para a roupa que tava suja...(...) e o cara é muito inteligente.... muito inteligente... admirável a inteligência dele e a professora nem deu bola pra ele... E aí você vê que a maioria dos colegas, que são brancos, não é tanto nem pela cor e pelo favorecimento econômico também aí você vê que antes até mesmo de chegar no docente... Professora eu queria fazer uma Iniciação Científica com você (...) E você tem inglês? ... Ah professora, fiz 5 anos de Cultura Inglesa... Então é por aí que vai indo... Então é a cor atrelada a essas coisas também ... e a coisa socioeconômica (...) dos docentes a gente sente muito com essa coisa acadêmica (...) e quando você tenta alguma coisa... Uma vez eu propus pra uma professora, eles estavam incentivando a gente a ter novas idéias para um projeto de iniciação científica, e uma coisa que me inquietou... Foi não ter nenhum docente negro. Eu cheguei para falar sobre isso e... Foi uma batata quente, que um foi jogando na mão do outro que ninguém, queria falar sobre isso... (Col 1)

Em determinada parte do curso, ocorreu uma situação com uma docente. É porque ela me escolheu, e me chamou para o corredor, para o corredor externo, no hospital o qual nós estávamos em estágio, estágio de prática... E me perguntou se eu não queria desistir do curso! E. e... eu perguntei para ela por quê? Ela falou que eu tinha que pensar bem, se você quer mesmo fazer esse curso. E eu perguntei para ela: Professora qual o motivo? A senhora acha que eu não tenho o perfil para o curso? Não, não, não é por isso não. Porque já que vou fazer que seja bem feito, se a senhora quer saber, eu prestei vestibular na enfermagem, e eu já tinha isso definido, e eu entrei como qualquer outro aluno, através de vestibular e eu me vejo no direito de estudar até o fim. E porque eu me refiro a isso como um ato de preconceito e, por que eu vejo que sim, porque na mesma semana, em seqüência das aulas práticas, de estágio,(...) ela veio me apresentar, uma... Chefe de Enfermagem, que na época era bem colocado este termo, da UTI em que era uma mulata, uma mulata, afro descendente, como eu. E aí, para mim foi onde caracterizou ainda mais, (...) como um ato de um preconceito".(Col 4)

(...) de onde eu vim, por ser africano, tem então essa questão, e dentro desta questão de ser africano, tem então a questão do negro, da negritude, então o negro africano ele é tratado um pouco diferenciado do negro brasileiro por um simples motivo: ele é um "bicho exótico"; ele é uma "coisa" diferente, ele é diferente daquele negro nascido aqui, sim, então neste primeiro momento, eu não senti... eu só comecei a sentir como é muito sério o preconceito, foi quando eu me candidatei para ser presidente do Centro Acadêmico, e isso coincidiu naquele período que o Brasil teve, eu não lembro mais o ano, plebiscito para decidir a questão da monarquia se voltava ou se começava o parlamentarismo ou se mantinha o sistema presidencialista. Eu tinha mesmo sido eleito como presidente do Centro Acadêmico, criei uma série de novas idéias (...) entre outras coisas, entrei e coloquei caixa de sugestões para ver o que se podia melhorar (...)com sugestões dos alunos. E aí eu comecei a receber... uma série de bilhetes dentro da caixa,...da caixinha da mensagens dizendo: Negro onde que já se viu, vou mandar você pra cortar cana, vou votar para voltar a monarquia para mandar você ir cortar cana. E aquilo me afetou muito duro, e por uma ou duas semanas eu fiquei completamente desorientado. (Col 2)

Olha eu vou ser bem sincera com você... Eu tenho pavor em pensar em entrevista

de trabalho, para emprego. Eu estou fazendo de tudo para passar em concurso público... para que eu possa passar em todos os processos e que ninguém tenha de olhar na minha cara... que só saia no Diário Oficial e que fulana passou e tem que entrar tal dia. (...) a gente percebe assim uma preferência muito grande por uma pessoa, quando ela tem a cútis mais clara... (...) eu sou negra, mas tenho a cútis mais clara. Colegas que me dizem, eu já vi meninas, amigas que são mais escuras que eu, sentem mais preconceito... (...) E quanto mais o seu cabelo é mais crespo, mais preconceito você sofre...e com piadinhas...sabe? O que as pessoas falam no dia-a-dia sabe? E as vezes te diminuindo tipo...colocando assim, você é morena, moreninha... Aquela menina moreninha alta que você está vendo ali... As pessoas colocam diminutivo, acho que para tentar infantilizar ou diminuir a gravidade do que ela esta falando e machucando... Sei lá.... eu acho que parece que pra ela é danoso falar negra, aquela menina negra, como se não fosse orgulho pra mim ser negra, como se fosse ruim pra mim ouvir que sou negra, é a mulata... Sempre aquele estereotipo de mulata, eu ouço muito isso, o tempo todo... As pessoas falam muito isso sem questionar...(Col 1)

Em concurso publico eu acho mais fácil... de você entrar no trabalho, eu acho que é mais fácil você entrar no trabalho que no hospital particular. Porque é assim... Que você tem que enfrentar uma prova e depois tem que encarar alguém na entrevista assim de frente. Eu vi isso acontecer com colegas de outros anos, de eles irem pra entrevista e a pessoa com a mesma capacitação... Só porque era branca e tinha um rosto bonitinho e uma chapinha bem feita... Meninas brancas coisa e tal e a outra pessoa que era negra. A menina conseguiu e a negra não conseguiu... Ai, eu não consigo enxergar qual seja o outro motivo desta pessoa não ter entrado... E na nossa área que é enfermagem eu acho que os homens negros ainda sofrem mais preconceito, porque a nossa área é uma área que a gente lida muito com as pessoas em situação em que (elas estão) muito vulneráveis, e em situação de nudez. Lidar com as mulheres deve ser bastante, muito complicado por homens principalmente... Mas, então... Voltando a historia da questão de trabalho eu não penso nisso mais assim, por exemplo, eu gosto de meu cabelo sempre assim mais cheio e se eu for me preparar para uma entrevista, eu já estou até pensando nisso que eu... Eu tenho de me cuidar, deixar o cabelo sempre mais baixo, de uma maneira que cause sempre menos impacto porque é,

pra eles, é sempre um impacto e difícil aceitar a gente, aceitar como a gente é, mais fácil aceitar um cabelo alisado que aceitar um cabelo... cheio ... (Col 1)

Bom, o que é um pouco complicado é... Que alguns hospitais têm alguma preferência pelas etnias fundadoras dos hospitais, imagino eu... então se for.... Eu imagino que o hospital que seja judeu, alemão, ou seja lá qual for, talvez dê preferência pra quem tenha conhecimento desta cultura, até aí, se existisse um hospital afro-brasileiro, eles também dariam preferência pra gente, até aí então eu até concordo, (...) Você está em igualdade com outra pessoa. Eu nunca ouvi falar de preconceito de branco,(...) geralmente os diretores, quem vão ser....vão ser geralmente os.... brancos, agora que eu te digo se for parar para pensar nisso, é melhor nem sair de casa e procurar emprego,(...) eu prefiro não pensar nisso, deixar de lado e como eu tive um problema de preconceito no serviço que tive durante a graduação, então ... Eu prefiro não pensar nisso. Col 3)

Eu fui barrado na recepção do Departamento de Pessoal. Pois, anunciaram que os candidatos a enfermeiro júnior poderiam comparecer à uma determinada sala. Então, as pessoas se dirigiram ao local e eu fui barrado. Perguntaram se eu não havia ouvido que a vaga era para enfermeiros recém-formados na USP e não para segurança. A seleção para segurança seria realizada em outra sala (...) esta segmentação racial. Esta pré-seleção é, infelizmente, feita.(Col 6)

Da minha turma muitas alunas conseguiram facilmente cargo de chefia em hospitais renomados, alunas que não participaram de aulas, que trapacearam em tudo, porém, são loiras. (perfil do Brasil). (...) pode ter até mais (capacidade) que o branco, mesmo assim o branco vai ser mais valorizado porque vivemos numa sociedade racista e muito preconceituosa. (Col 7)

Eu acho que tem e deve se colocar no mercado de trabalho e, antes de achar que seu currículo vai ser rejeitado, deve se tentar, deve se encarar como mais um desafio ou meta a ser alcançada. Eu trabalho numa empresa privada e não senti esse tipo de preconceito em nenhum momento. O que eu sei é que existem pessoas que não gostam e não aceitam as pessoas negras, acredito que por um problema exclusivo delas. Eu não pego isso como se fosse um problema meu. (Col 8)

Há duas semanas atrás eu tive um desses problemas aqui, um sujeito veio para passar e eu atendi, eu tava na sala, ele falou um monte...e que ele era repórter de rádio...e... ia me fazer perder o emprego e me falou umas outras besteiras mais.. Isso é uma coisa comum e a gente consegue contornar... (...) você percebe e ainda a gente enfrenta outra coisa, em relação à discriminação, por exemplo, aqui no meu caso, no serviço público uma insegurança, o paciente nunca acredita em você, que você é capaz como negro, naquela sua formação, então as vezes você é obrigado a mostrar muito mais que isso. Há sim uma diferença...e da forma de discriminação quando você conhece um pouco...Agora existe aquele preconceituoso brasileiro contumaz, ele é contra tudo e todos, entendeu? (...) tive uma situação semelhante, mas me custou muito caro e eu não gostaria de falar sobre isso, porque é....a gente foi parar no Conselho de Ética e acabei sendo absolvido, e.... ficou por isso mesmo, eu tinha tudo, tinha toda a papelada se quisesse acabar e entrar com um processo, mas eu achei que ia dar muita dor de cabeça e acabou que eu achei melhor deixar pra lá. (Col 2)

Não, não porque a pessoa que você vê aqui dentro não tem cor, conhecimento não tem cor, então não existe, aquele episódio, infelizmente foi de uma pessoa. Eu acredito que acabou contribuindo comigo, é aquela história, se a vida te oferece um limão, faça dele uma limonada, e foi o que eu fiz e estou fazendo! Porque me incentivou a estudar cada vez mais. Tanto que tudo que eu quis fazer eu fiz, fiz a habilitação, e vou prosseguindo, e vou prosseguir. (...) Eu não diria, ter de fazer um esforço ainda maior, mais eu diria que você tem que estar mais instrumentada, não que isso gere um esforço maior, porque conhecimento te enriquece, existe sim, talvez eu não tive mesmo uma situação de preconceitos e viva até por ser uma aluna da escola de enfermagem, o que já é uma seleção. (Col 4)

Infelizmente, sempre percebo. Hoje sou o responsável pela supervisão de um Centro Cirúrgico, mas quando alguém vai me procurar no setor e não me conhece ficam esperando outra pessoa. Então, quando eu me apresento às pessoas, elas ficam pensativas e um pouco sem jeito. (Col 6)

Senti mais preconceito por parte de alguns profissionais de nível médio que não acreditavam que eu era a enfermeira da unidade, sempre que vinham realizar algum serviço na unidade se reportavam às outras pessoas que se encontravam ali,

brancas é claro, e por último por não haver mais opções acabam descobrindo que eu era a enfermeira da unidade (...) os familiares de um paciente não acreditavam que eu era a enfermeira padrão, e que era eu quem cuidava de sua familiar. (Col 8)

(...) o respeito que você ganha com a faculdade... Então quando você chega a algum lugar de branco, é porque você é o cara! Isso é simplesmente uma questão de preconceito. Se eles tratam mal o outro é porque te vê que você está mal vestido, não tem posição (social). Quando você aparece de branco você é o doutor, fui trezentas vezes chamado de doutor e senhor (...) isso acaba me embranquecendo... (Col 6)

(...) você está dentro do shopping, pode até estar arrumadinho.... logo que você entra numa loja, vão ficar do teu lado e vão perguntar o que você quer ali.... Agora se eu entro, eu estou de branco ou eu estou de social, que são meus trajes de serviço, logo eles vem e vão dizendo: Pois não? O que o senhor quer? O que o senhor deseja? Nós temos isso, aquilo... Você percebe fácil isso... é assim uma coisa muito evidente, também. Se estou passeando com algum primo meu, pronto, é gangue. Mas se eu estou passeando com a minha namorada, que não é uma questão de preconceito nem nada, mas ela é branca e loira, aí o tratamento muda mais ainda, porque além de eu mostrar o status pela roupa, ainda pensam que com certeza eu tenho dinheiro, porque o que oferecem de roupa... Pensam que eu sou jogador... ou que eu sou pagodeiro... é muito diferente de eu andar sozinho, ou eu andar com um parente, andar com uma roupa de serviço... ou andar com a namorada, então, é o clímax! Fiquei altamente superior... (Col 6)

Entre 1884 a 1913 imigraram para o Brasil 2,7 milhões de europeus. Foot Harman e Leonardi¹¹ estimam que, em 1915, da força de trabalho empregada nas indústrias da cidade de São Paulo, 85 % era formada por estrangeiros. Na década de 1940, o resultado do esforço de branqueamento da população brasileira evoca uma radical mudança do perfil étnico-racial dos brasileiros. Afro-descendentes, que formavam em 1890 66% dos residentes no Brasil teria sua participação diminuída em 50 anos para 34%, percentual que se manteve nesse patamar nos

censos de 1950 e 1960¹². Os motivos para essa diminuição pode ser resultado da negação do sentir-se negro, da recusa em assumir a condição étnica ou origens africanas em um espaço social radicalmente transformado e americanizado¹³.

De acordo com o censo realizado em 2000, pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o Estado de São Paulo possui uma população de 7.718.696 jovens entre 18 e 29 anos, dos quais 5.313.882 foram identificados como brancos e 364.733 como negros¹⁴. O jornal O Estado de São Paulo, em matéria do dia 18 de novembro de 2005, destacou estudo do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), segundo o qual o salário de um homem negro no Brasil não chega à metade do que recebe um homem branco. Uma mulher negra tem rendimentos que só chegam a 30% do salário de um homem branco, como ocorre com as mulheres brancas. O referido estudo destacou, ainda, dois aspectos relevantes dessa desigualdade social: ser negro ajuda a piorar a situação social de uma pessoa, e ser mulher e negra a põe na última linha social¹⁵.

O Centro de Estatísticas Demográficas e Acadêmicas, da Universidade de São Paulo - USP, em 2004 apresentava um corpo discente de 77.205, na Graduação o número de estudantes era de 45.946 matriculados. No vestibular de 2005, 95.264 inscritos eram jovens declarados brancos e 6.727 declarados negros. Deste montante matricularam-se 7.388 (76,4%) jovens brancos e 172 (1,8%) afro-descendentes¹⁶. A realidade parece reiterar estereótipos historicamente construídos, pois as avaliações não consideram a tendência historicamente constituída em relação à educação no Brasil, cujas bases formal, intelectual e profissional se mantiveram restritas às elites durante toda a Primeira República (1889-1930), pois trabalhadores deveriam receber uma formação técnica, manual e auxiliar, ou seja,

voltada para o trabalho braçal, repetitivo. Do mesmo modo, os índices não balizam os movimentos sociais em torno da universidade pública e gratuita, sufocados por políticas impeditivas, restritivas e persecutórias, que encontraram nos governos militares dos anos 1960/1970 seu apogeu.

A realidade apresentada evoca uma sociedade fundada na diferença, que acaba de vencer o primeiro século de trabalho livre, que somente em 1930 permitiu o sufrágio universal, conferindo direito das mulheres ao voto, cuja medicina manteve, durante a década de 1980, o Código Internacional de Doenças (CID) para diagnosticar e internar homossexuais em hospitais para doentes mentais. Diante deste quadro, o que os índices revelam é uma sociedade atrelada a um passado colonial, no qual trabalho era sinônimo de subserviência, degradação física e moral e cuja representação se associava à condição afro-descendente.

Deste modo, é possível inferir que o ambiente social produzido no Brasil naturalizou a diferença e associou afro-descendentes a classes perigosas, visibilidade diametralmente oposta aos símbolos erigidos em berço esplêndido para a enfermagem brasileira, os mesmos que forjaram uma memória inglória aos homens e mulheres, enfermeiros e enfermeiras, profissionais e pré-profissionais, militares ou religiosos, que a nova história da enfermagem brasileira passa a localizar ou re-interpretar.

A pesquisa permite considerar, ainda, que a EEUSP re-inseriu homens e mulheres negras na formação profissional brasileira. Tal movimento re-dimensionou a enfermagem e permitiu às mulheres negras trajetórias de destaque na enfermagem nacional. Enfermeiras negras graduadas pela EEUSP assumiram postos de elevada importância e representatividade no

âmbito da saúde como Josephina de Mello, primeira mulher provedora da Santa Casa de Misericórdia de Manaus, Amazonas, Diretora da Escola de Enfermagem da Universidade Federal do Amazonas, considerada uma das mulheres mais elegantes da enfermagem manauara e brasileira. Lydia das Dores Mata, que na década de 1950, foi Diretora da Escola de Enfermagem Alfredo Pinto (antiga Escola Profissional de Enfermeiros e Enfermeiras), atualmente pertencente à Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, que possibilitou avanços significativos no concernente à manutenção a ampliação da primeira escola de enfermagem do Brasil, assim como Maria de Lourdes Almeida, Enfermeira-Chefe do Serviço de Enfermagem, do Serviço Especial de Saúde de Araraquara, campo de estágio para alunos da Faculdade de Higiene e Saúde Pública da Universidade de São Paulo, da Escola Paulista de Medicina e da Escola de Enfermagem de S. Paulo. Foram elas, enfermeiras negras do Brasil, mulheres ímpares, que venceram racismo e preconceito, e redimensionaram a identidade profissional da enfermagem brasileira¹⁷.

Os resultados alcançados permitem considerar tanto a importância, quanto o necessário debate, pois evocam questionamentos úteis para o desenvolvimento de competências correspondentes às relações interpessoais, ao saber conviver e ao trato humanizado, questões de significativo valor para a formação e orientação profissional. O estudo permitiu a compreensão da memória como direito à cidadania, cuja utilidade repousa no fortalecimento da identidade e na legitimidade profissional da enfermagem brasileira.

CONCLUSÃO

Conclui-se que racismo e preconceito

geram seres defensivos, que insistem (ou não podem) admitir sua ocorrência, tampouco a forma como ocorre. A defesa, no caso, não diz respeito a alguma forma de proteção contra agressões reais, mas à pressuposição da existência de alguma ameaça destruidora, desabonadora da ordem imaginada e cristalizada como ideal. Como salientam estudos da natureza, tais sentimentos se apropriam das pessoas e, em decorrência, elas perdem o sentido do que são ou do que foram.

Racismo e preconceito fabricam histórias únicas, cristalizam estereótipos e representações sociais contraproducentes para o desenvolvimento da enfermagem. Neste sentido, a continuidade de estudos da natureza, com vistas a aprofundar a discussão, merece a atenção por parte dos enfermeiros, pois relações racistas e preconceituosas interferem na assistência de enfermagem e impede o cuidar cidadão, humanizado, preconizado pelo Ministério da Saúde.

REFERÊNCIAS

1. Silva P. Vocabulário Jurídico. Rio de Janeiro: Forense; 2003
2. Academia Brasileira de Letras. Dicionário escolar de língua portuguesa. 2ªed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2008.
3. Campos PFS. Entre médicos e advogados: a teoria da degeneração da raça. In: Rigonatti SP; Andrade MLC (org.) Psiquiatria Forense e Cultura. São Paulo: Vetor, 2009.
4. Campos PFS. Los Negros y los Cuidados en las familias de Brasil: una visión histórica e iconográfica. Cultura de los Cuidados. Revista de Enfermería y Humanidades. Alicante. 2008; 12 (24): 16-26.
5. Barreira IA. Os primórdios da enfermagem moderna no Brasil. Esc Anna Nery Rev. Enferm, Rio de Janeiro. 1997 jul; 1(1).

6. Campos PFS, Oguisso T. A Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo e a reconfiguração da identidade profissional da Enfermagem Brasileira. *Rev. bras. enferm.* [serial on the Internet]. 2008 Dec [cited 2010 Mar 26] ; 61(6): 892-898. Available from: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-71672008000600017&lng=en. doi: 10.1590/S0034-71672008000600017
7. Moreira MCN. A fundação Rockefeller e a construção da identidade profissional de enfermagem no Brasil na Primeira República. *História, Ciências, Saúde - Manguinhos*. 1999 fev; 3: 621-45.
8. Porto F, Amorim W. *História da Enfermagem Brasileira: lutas, ritos e emblemas*. (org). Rio de Janeiro: Águia dourada, 2007
9. Meihy, JCSB; Holanda, F. *História Oral: como fazer, como pensar*. São Paulo: Contexto, 2007.
10. Souza Campos PF. Fundamentos para a Pesquisa em História da Enfermagem. In: Oguisso T. *Trajetória Histórica e Legal da Enfermagem*. 2 ed. São Paulo: Manole; 2007.
11. Foot Harman e Leonardi. *História da Indústria e do Trabalho no Brasil: das origens aos anos 20*. São Paulo: Editora Atica, 2º Ed; 1991.
12. Paixão MJ. *Desenvolvimento humano e relações raciais*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003. Cap. II pág.70.
13. Oguisso T, Souza Campos PF, Santiago ES. Maria Rosa Sousa Pinheiro e a reconfiguração da enfermagem brasileira. *Texto contexto - enferm.* [serial on the Internet]. 2009 Dec [cited 2010 Mar 20] ; 18(4): 643-651. Available from: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-07072009000400005&lng=en. doi: 10.1590/S0104-07072009000400005.
14. IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - apresenta o Censo Demográfico referente ao ano de 2000. Brasília: localizado no [site: \[http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/populacao_jovem_brasil/comentario1.pdf\]](http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/populacao_jovem_brasil/comentario1.pdf). Data da consulta dia 03 de abril de 2006.
15. O Estado de São Paulo. 18 de novembro de 2005. Caderno Economia. B2. Matéria: Negras ganham 30% do salário de homem branco.
16. UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO. Estatísticas demográficas e acadêmicas. Site localizado no [\[http://sistemas.usp.br/anuario/tabelas/T03_04.pdf\]](http://sistemas.usp.br/anuario/tabelas/T03_04.pdf). Consulta no dia 03 de abril de 2006.
17. Souza Campos, PF. *Ilustres Inominadas: enfermeiras negras diplomadas pela Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo*. II Simpósio Ibero-Americano de História da Enfermagem. Lisboa, Portugal, Associação Portuguesa de Enfermeiros - APE, 2009.

Recebido em: 09/04/2010

Aprovado em: 12/11/2010